

O Caminho do Peregrino

(por **Z'ev ben Shimon Halevi**)

(Uma viagem interior, ascendendo através de vários níveis da realidade física, até à Jerusalém Celeste.

Observe os diferentes estágios, o que acontece e as respectivas implicações.)

Imagine que está em sua casa onde tudo lhe é familiar: o que vê, os sons e os cheiros. Todas as pessoas e objectos à sua volta têm um lugar na sua vida. Está prestes a deixá-los, para ir em peregrinação.

Já fez a mala, verifica a sua bagagem. É adequada a uma longa viagem? Existe alguma coisa que deve deixar para trás? Esqueceu-se de alguma coisa?

Quando estiver pronto, deixe a sua casa.

As pessoas que vivem consigo entendem a sua necessidade de fazer esta viagem? Sabem para onde vai?

Existe em si alguma necessidade real para ir, ou não?

Sai de casa, passa a ombreira da porta. Várias desculpas lhe vêm à mente para cancelar a viagem. Como lida com elas?

À medida que desce a estrada os vizinhos cumprimentam-no. Alguns perguntam para onde vai. Diz-lhes? O que lhes diz?

Deixa a sua zona e entra num bairro que lhe é estranho. Ainda pode voltar para trás, está tentado a fazê-lo?

Chega a uma grande auto-estrada pejada de tráfego que ruge; as pessoas passam apressadas e gritam-lhe comentários. Dá-lhes atenção? Alguns parecem olhar para si como se você fosse anormal porque vai a pé. Isso o afecta-o?

Na sua frente vê um pequeno portão que está marcado no seu mapa; é o início do Caminho do Peregrino. Uma vez, leu tratar-se de um caminho antigo que existia muito antes da estrada ter sido construída. Bom, está prestes a descobrir se isto é verdade ou apenas um mito.

Atravessa o portão que diz “Caminho do Peregrino” e segue o trilho através de um prado, em direcção a um bosque distante. O barulho da auto-estrada do mundo desvanece-se.

Torna-se consciente da paisagem, dos sons, dos cheiros . É muito agradável.

Ao sair do bosque, vê uma sepultura. Algum peregrino deve ter morrido no caminho de ida ou de volta para a Cidade Sagrada. Observe a sepultura com atenção. O que está escrito na lápide? Qual é a sua reacção?

Entra no bosque procurando o caminho que serpenteia por entre a vegetação. Às vezes o caminho desaparece e perde-se, há momentos de hesitação, volta a procurar e encontra novamente o caminho.

À medida que avança mais profundamente no bosque, este torna-se mais selvagem; sente que há criaturas a observá-lo.

Ainda pode voltar. Continua. Ao pôr-do-sol chega a uma clareira onde acampa, janta e deita-se enquanto a lua nasce. Durante o sono sonha um sonho, com que sonha?

Quando acorda toma, consciência de que tem uma roupa diferente. Isto é muito estranho! Como é essa roupa?

Olha para o lado e vê um cavalo selado a pastar. É como se alguma magia tivesse ocorrido. De facto, é como se tivesse entrado no limiar de outro mundo.

Toma o pequeno almoço, monta o corcel e cavalga toda a manhã até sair da floresta para uma vasta planície.

Às vezes está muito frio, às vezes chove e outras estão um calor e uma secura insuportáveis; é difícil. Quais são os seus pensamentos? O que sente? Qual é o estado do seu cavalo - a sua alma vital?

Ao pôr-do-sol chega a uma cumeeira sobranceira a um vale. Lá em baixo está a cidade de Yesod, a mente do dia a dia.

Desce e cavalga devagar pelas suas ruas, observando o carácter do lugar e as pessoas que o habitam. A cidade e as pessoas são-lhe estranhamente familiares. Como é a cidade? Está bem conservada? Em ordem? Obedece a Deus ou nela reina o caos e a corrupção?

No centro da cidade encontra uma estalagem chamada o Ego. Enquanto janta, observa a clientela. De que falam? E, mais importante ainda, como é o estalajadeiro? Fala com ele sobre a história e sobre o que se passa na cidade e ele conta-lhe uma história interessante. Que história?

Depois do jantar vagueia por Yesod, para formar a sua própria opinião. Como é que as pessoas ocupam o tempo? O que fazem? A versão do estalajadeiro estava correcta? Ou com os olhos de um estranho vê aquilo que um nativo não consegue perceber?

Regressa à estalagem, deita-se e dorme. Durante a noite sonha um sonho. O que sonha?

De manhã ao sair, o estalajadeiro dá-lhe um conselho. É sobre quê? Faz sentido para si?

Cavalga para fora da cidade, subindo pelo lado longínquo do vale. Ao chegar ao topo olha para trás, para a cidade. O que aprendeu na sua visita? Que nova percepção teve da sua mente?

Vira-se na direcção oposta e vê lá em baixo uma linha de costa. Para além dela, para lá, no mar, está a silhueta pouco nítida de montanhas distantes cobertas de nuvens.

De repente o sol irrompe! Por um momento tem um vislumbre do mais alto pico das montanhas. Lá longe, uma cidade brilha como uma jóia. Sabe que esse é o destino da viagem.

O sol volta a ficar obscurecido pelas nuvens, e a visão de Jerusalém desaparece. Fica à espera, mas o céu não volta a abrir-se.

Há ainda um longo caminho a percorrer. Continua a descer em direcção à linha da costa.

Cavalga todo dia seguindo o Caminho do Peregrino, através de paisagens que lhe lembram vários períodos da sua vida. Aqui e ali há lugares que trazem de volta memórias do passado, da infância, da juventude, e lembranças do presente longínquo. Que efeitos têm estas memórias em si?

À noite chega finalmente à praia. Vê um barco ancorado e cavalga em direcção a ele.

Observa o barco com atenção e quando lê o seu nome pintado na proa, desmonta e sobe a bordo. Que espécie de embarcação é? Este navio da alma é grande ou pequeno? Está em boas ou em más condições? Tem tripulação? Se tem, como são os seus membros? Há um comandante ou está sozinho?

Depois de inspeccionar o navio da popa à proa, sente-o mover-se por baixo dos seus pés. Fez-se ao mar.

Na praia, o seu cavalo ajoelha. Vai aguardar o seu regresso. Fica preocupado ou aceita este segundo milagre?

À medida que o barco se afasta da costa, a noite cai. O navio move-se suavemente para um banco de denso nevoeiro. Não se vê nada em nenhuma direcção excepto para cima, lá no alto as estrelas brilham num céu claro.

De repente, também elas são obscurecidas por uma nuvem escura de tempestade. Gotas de chuva começam a cair, um vento começa a soprar. Chove torrencialmente, os relâmpagos estalam no céu e os trovões ecoam no ar. De repente encontra-se no meio de uma violenta tempestade.

O barco balança e torce-se, as ondas quebram-se na amurada, e alterosas passam através da coberta. Como lida você com esta crise aquática que faz os seus medos mais profundos virem ao de cima? Agrada-lhe estar no meio da excitação e do drama?

A tempestade ultrapassa o seu auge, a chuva começa a abrandar, o vento amaina e as ondas diminuem. A tempestade dá novamente lugar ao nevoeiro. Tudo sossega. Continua a navegar pela noite dentro.

De madrugada, o céu está claro e o mar calmo. À medida que o sol se levanta, começa a avistar uma costa distante e lá bem ao longe um porto. É um lugar como nenhum outro que alguma vez tivesse visto na Terra.

No entanto, não é isto que lhe prende a atenção, mas sim os grandes ferryboats que passam silenciosamente de cada lado do seu barco, e que levam milhares de migrantes. Os que vêm na sua direcção, levam aqueles que ainda não nasceram, e os que vão para o porto levam aqueles que acabaram de morrer. Sabe que assim é mas não sabe como o sabe.

Observa as pessoas à medida que passam por si. São de todas as idades e estão em diferentes estados de ser. Alguns parecem saber para onde vão, mas muitos parecem perplexos com a perspectiva da morte e do nascimento.

A sua atenção é desviada para o porto, enquanto entra e atraca na doca dos peregrinos.

Já lá estão outros peregrinos, como são eles?

Todos os peregrinos são questionados sobre o propósito da sua visita por funcionários aparentando ter muita experiência.

A uma das pessoas, claramente sob a influência de narcóticos, não é permitido entrar neste país longínquo. É enviada de volta, sendo avisada para não voltar a tentar entrar ilegalmente.

É lhe dada permissão para passar. Por um momento, observa o processo dos emigrantes no terminal de partidas e chegadas. O lugar está cheio de familiares e amigos, há muitas cenas tocantes e comoventes. Existe um sector especial onde você vê um ser algo sinistro ser levado sob escolta. Noutra área, um indivíduo distinto está a ser tratado com grande deferência; parece ser um espírito avançado que vai nalguma missão importante.

Deixa a área do porto e segue o Caminho do Peregrino, até ao sopé das montanhas.

Olha para baixo na direcção do porto.

Mesmo do lado de fora deste parece haver uma vala muito grande, uma espécie de prisão aberta. Está cheia de gente de olhos pregados no chão. Quem está lá dentro parece não se aperceber que basta olhar para cima para se libertar.

Para além deste lugar bastante desagradável, existe o que deve ser um hospital. Pode ver que lá dentro estão pessoas a recuperar, talvez de ferimentos da vida ou de pura fadiga depois da morte.

À medida que sobe mais alto, avista vilas e cidades de todas as espécies, que se estendem até ao horizonte longínquo. Há também belas propriedades, centros de cultura e toda a espécie de ambientes agradáveis. É de facto o Paraíso.

De qualquer forma, precisa de continuar. Depois de passar uma espécie de linha de neve, o caminho penetra num tipo de terreno muito diferente. A atmosfera é mais rarefeita, a paisagem mais grandiosa e há menos habitantes. Passa por um mosteiro num penhasco, vê um ashram ao lado de um riacho e vislumbra um eremita numa caverna.

Continua. Está à procura de qualquer coisa que não sabe bem o quê é. Sobe mais e mais alto, e de repente, mesmo abaixo do tecto de nuvens que esconde os picos montanhosos, reconhece a casa do seu mestre.

Sobe em direcção a ela, sabendo que é esperado. Que espécie de lugar é? O que lhe diz sobre quem lá vive, sobre o seu mestre?

A face que o cumprimenta à porta é-lhe familiar. O mesmo acontece com a sala onde entra. É-lhe oferecido um refresco e feitas perguntas sobre a sua viagem.

Fala sobre o que neste momento o preocupa na sua vida; assunto sobre o qual o seu mestre parece estar bastante familiarizado.

O mestre levanta-se e leva-o para um pequeno santuário na parte de trás da casa onde há um altar e um livro. Abre o livro ao acaso, diz o mestre. O que é que está lá escrito?

O mestre tira um bordão de trás do altar e dirige-se para a porta das traseiras da casa. Indica-lhe que o siga. Encontra-se de novo no caminho do Peregrino, que agora segue directamente montanha acima, até à Cidade Sagrada.

Sobem juntos, até atingirem um tecto de nuvens.

Aqui, o mestre pára e diz-lhe para segurar firmemente o bordão do conhecimento e nunca o largar haja o que houver.

Segue o seu mestre para dentro das nuvens. A cada passo fica mais e mais escuro, até que já não consegue ver a figura que vai à sua frente. De repente está muito só, com excepção da ligação ao seu mestre através do bordão.

A toda a sua volta, na escuridão nebulosa, ouve o bater de grandes asas que geram grandes ventos.

Agarra-se firmemente ao bordão, enquanto a escuridão dá lugar a uma luz difusa que, passado algum tempo, revela a silhueta do seu mestre subindo à sua frente. Passo a passo, continua a subir para cima e para fora da nuvem até entrar na luz mais clara que alguma vez viu.

A luz cega-o por um momento. Olha para baixo para a grande nuvem até os seus olhos se habituarem à luz, e depois ergue o olhar e vê a Cidade Sagrada. É uma visão magnífica!

Junto com o mestre, aproxima-se do portão principal. Aí são inquisidoramente perscrutados por dois seres feéricos com espadas flamejantes. O mestre diz qualquer coisa como uma palavra passe e eles afastam-se deixando-os passar.

A Jerusalém Celeste é muito diferente de qualquer coisa da Terra. É a quinta essência de todas as civilizações que alguma vez existirão. As pessoas radiantes que passam nas ruas são-lhe estranhamente familiares. Aqui estão os grandes homens e mulheres da humanidade. As suas

faces revelam uma graça espiritual. Lá vai o poeta Dante e Santa Teresa de Ávila. Poderá ser aquele o mestre tibetano Milarepa? E aquele outro o estudioso Rabi Aquiva?

O seu mestre leva-o através da cidade. Passam por edifícios de extraordinária beleza, até chegar ao centro, a uma colina sobre a qual está o Templo. A praça à volta do templo está cheia de peregrinos de todos os tempos e lugares. Alguns estão lá há séculos e outros, como você, são só visitantes.

O seu mestre leva-o até ao portão do templo, acima. Aqui também, dois seres angélicos montam guarda. O seu mestre fala com eles e são autorizados a entrar.

O pátio exterior do templo é um jardim pleno de perfeição, no qual tudo está a desabrochar. Aqui, as pessoas praticam vários rituais que as colocam num estado receptivo.

O portão para o pátio interior é guardado por dois seres angélicos com grandes asas. Eles param o seu mestre. Depois de serem questionados, é-lhes permitida a entrada.

O pátio interior está organizado como um belo museu onde são mostradas as conquistas da humanidade de todas as épocas; aqui está a totalidade da história. Os que estão aqui presentes meditam sobre a evolução humana, seus triunfos e tragédias e rezam pedindo orientação e instrução. Entre a congregação podem ser vistos muitos santos e sábios conhecidos e um número razoável de desconhecidos.

O portão do santuário é guardado pela imponente figura do poderoso Arcanjo Miguel.

O seu mestre aproxima-se e fala com o Capitão das Hostes. Depois de uma breve conversa, o Grande Miguel afasta-se e a porta do santuário abre-se. O mestre entra através dele e pede-lhe que o siga.

Entra e encontra-se num local de vastas dimensões, com um pano de fundo de estrelas, galáxias, no meio do espaço infinito.

Um vento fresco toca-lhe na face à medida que é levado para o centro do santuário. Aqui está o Santo dos Santos. É feito de luz cristalina e as suas paredes ocultam a Presença Divina.

Ao atravessar o Santuário, repara em várias figuras em profunda contemplação; uma é o Buda, outra Moisés, outra Maomé.

É levado diante do véu do Santo dos Santos pelo mestre que o coloca diante da cortina.

A partir desse momento, o tempo e o espaço desvanecem-se. Experimenta uma imensa quietude, todo o movimento pára. Há um silêncio profundo. O eterno Agora.

Nesse momento, a cortina abre-se:

Senhor Vós Sois Deus,
Senhor Vós Sois Deus,
Senhor Vós Sois Deus,

Uma voz diz o seu nome, ouve o que lhe é dito, só a si...

Senhor Vós Sois Deus,
Senhor Vós Sois Deus,
Senhor Vós Sois Deus.

A cortina fecha-se; volta a si.

Todo o movimento recomeça. Avança, no processo de criação e evolução. Ouve a voz do seu mestre dizer: - Vem!

Volta-se e retira-se do Santuário.

Juntos passam pelos dois pátios para fora do templo. Abrem caminho através da multidão radiosa em direcção aos portões da cidade. Descem para o mar de nuvens. Reentram nele. Passo a passo desce, agarrado ao bordão do seu mestre. Passa por esse véu escuro que separa os mundos mais altos.

Sai das nuvens e vem caminho abaixo e até entrar na casa do seu mestre. Descansa algum tempo, enquanto fala sobre a sua experiência. Surgem perguntas e respostas. Mesmo antes de se ir embora, recebe um conselho muito importante do seu mestre e um convite para regressar sempre que quiser.

Despede-se do seu mestre e segue o seu caminho. Desce através dos níveis mais baixos do Céu, através do Paraíso; passa pelo hospital, pelo lugar do inferno, até ao porto.

Embarca no cais dos peregrinos e zarpa. Passa pelos ferries e pelo banco de nevoeiro que separa o mundo de baixo do mundo de cima. É uma passagem pacífica e mantém a virtude de permanecer acordado.

À alvorada, chega à margem onde o seu cavalo está à espera. Desembarca, monta e parte em direcção a casa.

Ao passar pelo terreno agora familiar, nota algumas mudanças desde que partiu?

Nessa noite, na estalagem do Ego, na cidade de Yesod, sonha um sonho. Que sonho é?

De manhã, quando está prestes a partir o estalajadeiro faz um comentário interessante. Qual é?

Cavalga todo o dia através daquela zona seca e húmida, acompanhado dos seus pensamentos e sentimentos sobre de onde vem e para onde vai, até chegar à clareira no bosque. Acampa e dorme. Talvez sonhe de novo.

Quando acorda, o cavalo desapareceu, as suas roupas mudaram, está de novo vestido com as suas roupas habituais. Fica surpreendido?

Arruma as suas coisas e volta pelo caminho do peregrino até à saída do bosque.

Ao passar pela sepultura, quais são os seus pensamentos? O que é que sente?

Atravessa os campos até á auto-estrada, barulhenta e cheia de tráfego. À medida que avança, o tráfego ruge, as pessoas gritam-lhe. Sente-se afectado na sua experiência interior ou no seu equilíbrio?

Chega à zona da sua casa. Continua centrado?

Quando as pessoas o cumprimentam, notam alguma diferença? O que lhes diz quando elas lhe perguntam onde esteve?

Chega a casa. Depois de receber as boas vindas, retira-se para o seu quarto. Senta-se, toma consciência de todos os sons, cheiros e imagens familiares.

Reorienta-se. Retorna ao seu corpo.

Sinta o peso do corpo, tome consciência de todos os seus sentidos, abra os olhos e regresse a esta realidade.